

CAPÍTULO 3

TIPOLOGIAS CONSTRUTIVAS DA ARQUITETURA CIVIL, NO SÉCULO XIX EM SÃO LUÍS DO MARANHÃO



<https://doi.org/10.22533/at.ed.678112526023>

Data de aceite: 25/02/2025

Margareth Gomes de Figueiredo

Universidade Estadual do Maranhão -
UEMA

subdividido nos itens: Introdução; 1 Tipologia Construtiva; 2 Engenheiros, Arquitetos e Construtores; 3 Considerações Finais.

PALAVRAS-CHAVE: Tipologia Construtiva, Arquitetura Civil, Centro Histórico,

RESUMO: O presente artigo analisa as tipologias construtivas das edificações patrimoniais, tendo como estudo de caso a arquitetura civil do século XIX do Centro Histórico de São Luís do Maranhão. Considerando-se a temática central, apresenta-se um estudo sobre as edificações de arquitetura civil do centro histórico de São Luís do século XIX classificada, segundo a tipologia arquitetônica, em solares, sobrados e casas térreas. Quanto ao programa de necessidade apresentam variações referentes ao número de pavimentos, apresentando os tipos: térreo (térreo com porão, térreo com mirante e térreo com porão e mirante); dois pavimentos (dois pavimentos com porão, dois pavimentos com mirante e dois pavimentos com porão e mirante); três pavimentos (três pavimentos com porão, três pavimentos com mirante e três pavimentos com porão e mirante); e quatro pavimentos. Para o desenvolvimento e coordenação das ideias, o estudo foi

CONSTRUCTIVE TYPOLOGIES
OF CIVIL ARCHITECTURE IN THE
19TH CENTURY IN SÃO LUÍS DO
MARANHÃO

ABSTRACT: This article analyzes the construction typologies of heritage buildings, taking as a case study the civil architecture of the 19th century in the Historic Center of São Luís do Maranhão. Considering the central theme, we present a study on the civil architecture buildings of the historic center of São Luís in the 19th century, classified according to architectural typology as mansions, townhouses and single-story houses. Regarding the program of need, they present variations regarding the number of floors, presenting the following types: ground floor (ground floor with basement, ground floor with lookout and ground floor with basement and lookout); two floors (two floors with basement, two floors with lookout and two floors with basement and lookout); three floors (three floors with basement,

three floors with lookout and three floors with basement and lookout); and four floors. For the development and coordination of ideas, the study was subdivided into the following items: Introduction; 1Construction Typology; 2Engineers, Architects and Builders; 3 Final Considerations.

KEYWORDS: Building Typology, Civil Architecture, Historic Center,

INTRODUÇÃO

Tipologia é uma constante que se apresenta com características de necessidade e variações de acordo com a técnica, a função e o estilo. As edificações de arquitetura civil do centro histórico de São Luís do século XIX são classificadas, segundo a tipologia arquitetônica em solares, sobrados e casas térreas.

Os sistemas construtivos utilizados na arquitetura tradicional em São Luís do Maranhão “*foram aplicados indistintamente em casas de moradia, sobrados comerciais, edificações religiosas, casas rurais, fábricas e instalações militares*” (Silva Filho, 2008, p. 62). O conjunto de arquitetura civil dos séculos XVIII e XIX destaca-se no centro histórico pela quantidade de exemplares que mantêm ainda preservados fortes traços da arquitetura tradicional portuguesa.

As edificações civis, de acordo com seu programa de necessidade, apresentam variações quanto ao número de pavimentos, apresentando os tipos: térreo (térreo com porão, térreo com mirante e térreo com porão e mirante); dois pavimentos (dois pavimentos com porão, dois pavimentos com mirante e dois pavimentos com porão e mirante); três pavimentos (três pavimentos com porão, três pavimentos com mirante e três pavimentos com porão e mirante); e quatro pavimentos (Tabela 1).

TIPOLOGIAS DE EDIFICAÇÕES / N° PAVIMENTOS				
Nº Pavimentos (gabarito)	Variações do tipo de edificações			
Térreo	 Térreo	 Térreo com porão	 Térreo com mirante	 Térreo com porão e mirante
2 Pavimentos	 Dois pavimentos	 Dois pavimentos com porão	 Dois pavimentos com mirante	 Dois pavimentos com porão e mirante
3 Pavimentos	 Três pavimentos	 Três pavimentos com porão	 Três pavimentos com mirante	 Três pavimentos com porão e mirante
4 Pavimentos	 Quatro pavimentos	-	-	-

Tabela1: Tipologias das edificações por número de pavimentos. Fotos: Letícia Veras.

1 | TIPOLOGIA CONSTRUTIVA

Considerando tipologia construtiva uma constante que se apresenta com características de necessidades e variações de acordo com: a técnica, a função e o estilo, as edificações de arquitetura civil do centro histórico de São Luís do século XIX são classificadas em: 1.1 solares, 1.2 sobrados e 1.3 casas térreas.

1.1 Solar

Os solares maranhenses, e os brasileiros de um modo geral, são casas ou palácios onde habitavam famílias nobres. Em São Luís foram construídos com requinte pela elite de produtores rurais dos séculos XVIII e XIX, com função essencialmente residencial, para abrigar na capital a família dos senhores de engenhos e os produtores do algodão e açúcar. Imóvel com aspecto imponente, o solar apresenta na fachada principal elementos arquitetônicos bem elaborados, tais como: portadas com ornamentos em cantaria de lioz, óculos (iluminação complementar no térreo), balcões sacados sinuosos, apoiados por mísulas (cachorros) em pedra lioz, vergas, ombreiras e cunhais também em pedra lioz (Figura 1). O sistema construtivo do solar apresenta paredes-mestras em pedra argamassada com cal, alvenarias autônomas em cruz de Santo André (gaiola pombalina) e paredes divisórias que variam entre as técnicas da taipa de mão e tabique.



(a)



(b)

Figura 1: (a) Solar dos Vasconcelos, situado na Rua da Estrela; (b) Palácio Cristo Rei, situado na Praça Gonçalves Dias. Fontes: (a) Arquivo da Superintendência do Patrimônio Cultural do Estado; (b). Fotos de Daniel Lopes.

Em geral, os solares possuem dois ou mais pavimentos, em alguns casos, quando a inclinação do telhado e/ou do terreno permite, podem ter também mirantes e subsolos. A implantação mais usual no lote urbano é em forma de “C”, “L” ou “U”. O pavimento térreo é formado pelas áreas de serviço, antigas senzalas, abrigo de carruagens, um grande vestíbulo com acabamento requintado, onde se encontram janelas de peitoril com

conversadeiras e a escada de acesso ao pavimento superior. Forros do tipo saia e camisa e piso em pedra lioz, destacando-se no vestíbulo o piso em composição de mosaicos, com desenhos geométricos elaborados com pedra lioz, intercalada com seixos rolados, que são pequenas pedras redondas, recolhidas em leitos de rios (Figura 2)



(a)



(b)



(c)



(d)

Figura 2: Detalhes arquitetônicos dos solares: (a) Balcão sacado sinuoso, apoiado por mísulas em lioz; (b) Vestíbulo com piso em mosaico e desenhos geométricos, em pedra lioz e seixos rolados; (c) Conversadeiras na janela do vestíbulo; (d) Forro em forma de gamela, com venezianas para aeração.

Fotos: (a), (b) e (d) Margareth Figueiredo; (c) Arquivo IPHAN/3^a SR.

No pavimento superior, o corpo principal da edificação é formado por salas voltadas para o exterior, dormitórios e alcovas (ambientes sem iluminação e ventilação direta do exterior do imóvel), com acesso pela extensa varanda (da largura do imóvel), que se estende também lateralmente com dependências menores, com acesso por um corredor estreito. Nas salas voltadas para a rua apresentam balcões em pedra lioz (isolados ou corridos), guarneidos por gradis de ferro forjado. Cobertura em telha de barro do tipo capa-e-canal, com beiral arrematado por cimalha em cantaria ou em tijoleiras com acabamento em argamassa de areia e cal (Figura 3).

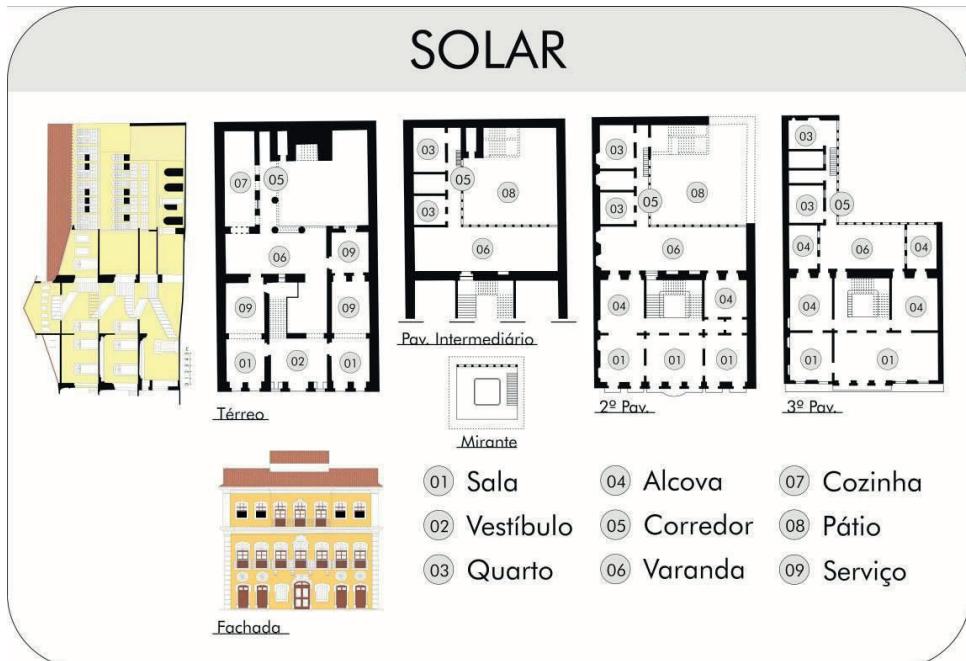


Figura 3: Desenho esquemático da fachada, corte e plantas baixas de um solar. Fonte: Adaptado de Silva Filho, (1998).

Os solares maranhenses, que abrigaram a aristocracia rural do século XIX, ainda hoje podem ser identificados e admirados em diversas áreas do centro histórico, a exemplo do Solar dos Vasconcelos (Rua da Estrela), Solar dos Veras (Rua do Egito), a sede do Museu Histórico do Maranhão (Rua do Sol) e o Palácio Cristo Rei, sede da Reitoria da Universidade Federal do Maranhão (Praça Gonçalves Dias).

Embora alguns solares não estejam em bom estado de conservação, necessitando de obras de manutenção, a maioria encontra-se bem preservado, mantendo todos os elementos arquitetônicos característicos da época em que foram construídos.

1.2 Sobrado

Os sobrados do século XIX destacam-se na paisagem do Centro Histórico, apresentando edificações com até quatro pavimentos, sendo o pavimento térreo destinado ao comércio e os pavimentos superiores ao uso exclusivamente residencial (Figura 4).

Assim como no solar, o sistema construtivo do sobrado apresenta paredes-mestras em pedra argamassada com cal ou, em alguns casos, confeccionadas utilizando a cruz de Santo André (gaiola pombalina) e paredes divisórias que variam entre as técnicas de taipa de mão e tabique.



(a)



(b)

Figura 4: (a) Sobrado na Rua 14 de Julho; (b) Conjunto de sobrados do Largo do Carmo. Fotos: (a) Letícia Veras; (b) Margareth Figueiredo.

Mais despojado que os solares, a sua fachada principal apresenta aspecto sóbrio, com elementos arquitetônicos menos elaborados, tais como: portas com ombreiras em cantaria de lioz ou molduras em argamassa, vãos em vergas retas, abatidas ou em arco pleno, cheios e vazios ritmados, cunhais, balcões sacados isolados e corredos em pedra lioz, com guarda-corpo em gradis de ferro forjado ou fundido.

Em geral, os sobrados possuem dois a três pavimentos e, em alguns casos, mirantes, subsolos e fachadas revestidas com azulejos antigos, procedentes, na sua maioria do Porto e de Lisboa, nos séculos XVIII e XIX. Em relação a implantação no lote urbano apresentam-se sem recuos frontais e laterais, projetando-se em forma de “L”; “C”; “O” ou “U”, formando os pátios internos, que permitem a ventilação e iluminação da varanda posterior, e indiretamente das alcovas, por meio das bandeiras vazadas em madeira.

O pavimento térreo, correspondendo a herança pombalina, é formado por lojas destinadas ao comércio, com grandes vãos estruturados através de arcos em tijoleira cerâmica. Nesse andar fica também o vestíbulo e a escada (lateral ou central) de acesso aos pavimentos superiores. No pavimento superior a planta baixa tem seu corpo principal formado por pequeno vestíbulo de acesso à escada, salas voltadas para o exterior, dormitórios e alcovas com acesso pelo corredor ou pela varanda, interligada também ao pequeno corredor com dependências menores (Figura 5).

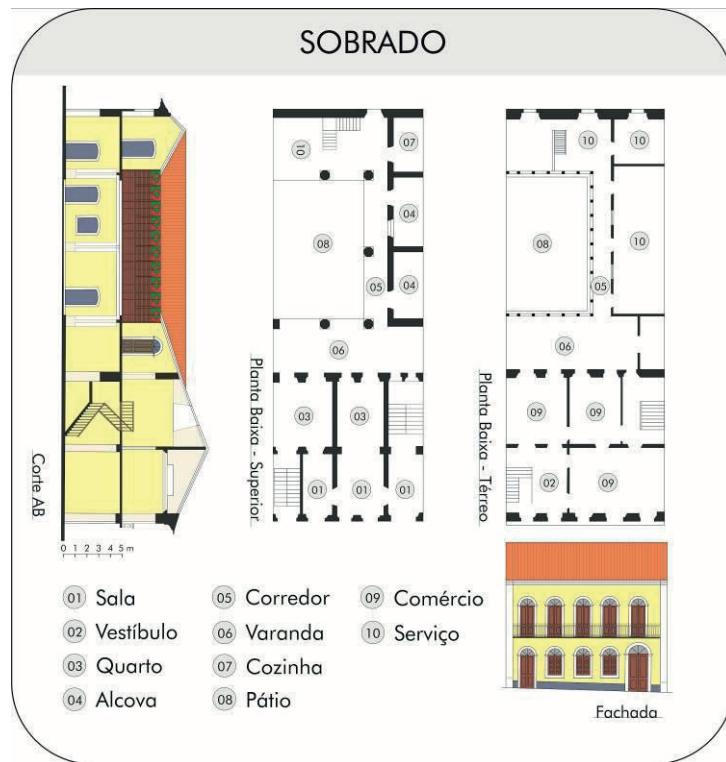


Figura 5: Desenho esquemático da fachada, corte e plantas baixas de um sobrado. Fonte: Adaptado de Silva Filho, (1998).

1.3 Casas térreas

As casas térreas, do século XIX e início do século XX, da região nordeste do Brasil, especialmente no Maranhão e no Piauí, são conhecidas, por: Porta-e-janela; meia-morada; ¾ de morada; morada-inteira e morada-e-meia.

A porta-e-janela é o tipo de habitação mais simples encontrada em São Luís, cuja própria denominação define seus elementos de fachada. Internamente divide-se em três compartimentos (sala, dormitório e cozinha) conjugados, havendo apenas, em alguns casos, um pequeno hall de acesso na porta de entrada (Figura 6).

A meia-morada caracteriza-se por apresentar uma porta de entrada em uma das extremidades com duas janelas laterais. Internamente divide-se em cinco compartimentos: sala, dormitório e varanda, que são articulados por um corredor lateral de acesso na porta de entrada, cozinha e dependência de serviço no corredor secundário, integrado a varanda (Figura 19b e 20a). A edificação do tipo $\frac{3}{4}$ de morada apresenta uma porta ladeada em um dos flancos por uma janela e no outro por duas (Figura 7c). A distribuição dos ambientes em planta baixa é semelhante aos da meia-morada, acrescida de dois pequenos ambientes, na lateral do corredor, correspondente ao acréscimo de uma janela na fachada.



Figura 6: Desenho esquemático de fachada, corte e planta baixa de uma porta-e-jANELA. Fonte:
Adaptado de Silva Filho, (1998).

A morada-inteira apresenta na composição de fachada uma porta central com duas janelas de cada lado (Figura 7d e 8b). A morada-inteira é

constituída pela MEIA-MORADA duplicada simetricamente. Em geral resulta em casa composta por um corredor central ladeado por duas salas de frente e dois quartos, uma VARANDA com a largura da TESTADA do prédio e dependências, uma cozinha e um CORRER[...]. Usualmente tem PLANTA BAIXA em forma de L. Eventualmente pode ter variações nos fundos da edificação, originando uma planta baixa em forma de U (Albemaz & Lima, 1998, p. 397).

O tipo maior de casas térreas é a morada-e-meia, que apresenta uma porta e seis janelas, corresponde a uma morada inteira acrescida de duas janelas (Figura 7e). Sua distribuição interna é semelhante à morada-inteira, acrescida de mais uma sala e um dormitório em um dos lados.



(a)



(b)



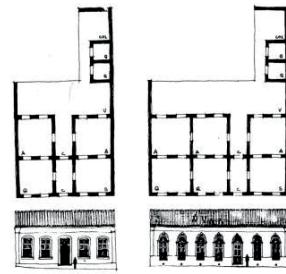
(c)



(d)



(e)



(f)

Figura 7: Tipologias construtivas: (a) Porta-e-janela; (b) Meia-morada; (c) ¾ de Morada; (d) Morada-inteira,(e) Morada-e-meia; (f) Esquema de planta baixa e fachada da morada-inteira e da morada-e-meia. Fontes: Fotos (a) a (e) Margareth Figueiredo; (f) Desenho de Dora Alcântara.

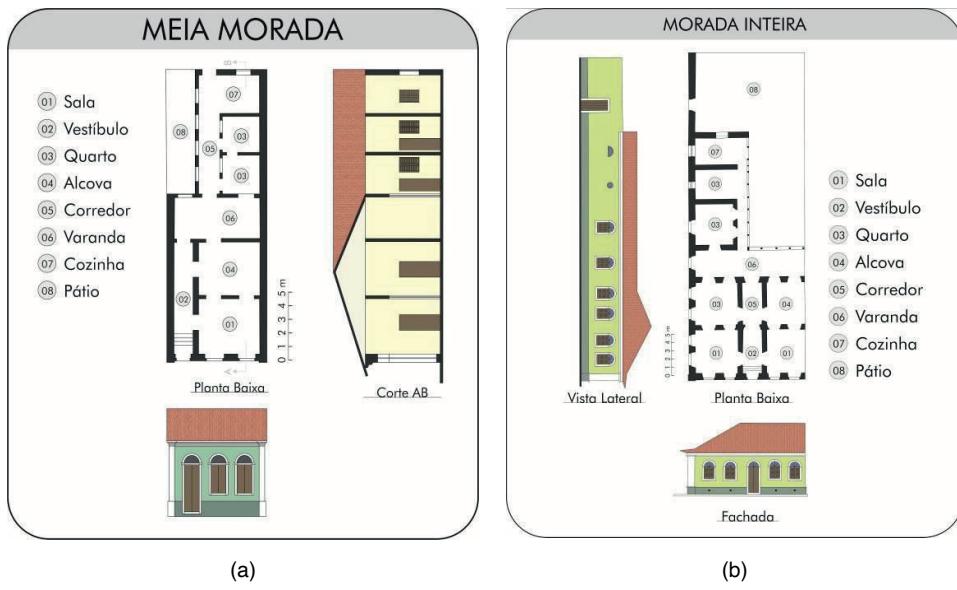


Figura 8: (a) Desenho esquemático da fachada, corte e plantas baixas de uma meia-morada; (b) Desenho esquemático da fachada, corte e plantas baixas de uma morada-inteira. Fonte: Adaptado de Silva Filho, (1998).

2 | ENGENHEIROS, ARQUITETOS E CONSTRUTORES

Pouco se têm notícias sobre os construtores e autores de projetos dos sobrados, moradas térreas e solares do século XIX no Maranhão. Figueiredo (2006) comenta que esses projetos ainda não encontrados, devem existir ou existiram, pois, segundo as determinações dos Códigos de Posturas de 1842 e 1866 era necessária uma aprovação prévia de licença para todas as construções ou edificações. Já o Código de 1866 passa a exigir que, além da aprovação, as edificações fossem planejadas através de risco e desenho da fachada, como determina o Art. 54:

Ninguem podera d'ora em diante dar começo a edificação sem primeiro o requerer a camara, apresentando-lhe logo o risco e desenho exterior da obra para obter della a necessária aprovação. Aos contraventores a multa de trinta mil reis e a demolição á sua custa do que houver construído; ficando também sujeito à demolição, quando se afastarem sem prévio consentimento, do risco e desenho aprovados pela câmara (Selbach 2010, p. 56).

Nos acervos dos arquivos públicos do estado e do município, que reúnem dados da época, não foram encontrados documentos referentes aos riscos ou desenhos citados nos referidos códigos. Quanto aos projetistas e construtores que atuaram em São Luís o historiador maranhense Marques (1970) relata que durante muito tempo o Brasil colonial ficou sem um corpo de engenharia civil. Francisco Frias foi o primeiro engenheiro que esteve no Maranhão, acompanhando Jerônimo de Albuquerque na expedição que expulsou os franceses em 1615. Além da autoria do traçado urbanístico de São Luís, Frias teria

construído na vila de Icatu uma fortaleza em forma hexágona, denominada Forte de Santa Maria.

Ainda sobre a carência de projetistas e construtores, Marques, (1970), comenta que em abril de 1762 o Governador Joaquim de Melo e Póvoas oficiou ao Rei a inexistência de engenheiro no Maranhão, “[...] dizendo não haver aqui um só engenheiro, e nem um só artilheiro, e apenas um pobre velho, capitão-de-artilharia, com perto de 90 anos, dirigindo algumas obras por ser o único que tinha algumas luzes de Engenharia” (Marques, 1970, p. 255).

Apesar da pouca referência que se tem sobre os arquitetos e construtores da arquitetura civil de São Luís do Maranhão nos séculos XVIII e XIX, alguns profissionais nomeados para o Estado são citados no dicionário de arquitetos, engenheiros e construtores portugueses, organizado por Viterbo em dois volumes publicados em 1899 e 1904, e citados por Marques (1970). A seguir Tabela 1 (em ordem cronológica) relacionando os arquitetos, engenheiros e construtores portugueses que estiveram no Maranhão no período de 1615-1870.

ENGENHEIROS E CONSTRUTORES DO MARANHÃO (1615-1870)				
Nome	Descrição da Nomeação	Ano (s)	Cargo	Referência Bibliográfica
Francisco Frias de Mesquita	Nomeado em 1603 para ir ao Brasil cuidar das fortificações e fortalezas. Autor do traçado urbano de São Luís (1615).	1615	Engenheiro-militar	Viterbo, 1899, p. 376-377; Marques, 1970, p. 255.
Thomé Pinheiro de Miranda	Nomeado, em 1681, engenheiro do estado do Maranhão pelo Príncipe de Portugal Dom Pedro.	1681	Engenheiro	Viterbo, 1904, p. 277
Pedro de Azevedo Carneiro	Nomeado em 1685 para o cargo de capitão engenheiro do Maranhão. Em 1691 obteve licença para voltar ao reino.	(1685-1691)	Capitão Engenheiro	Viterbo, 1899, p.78
Custódio Pereira	Projetou e construiu a Sé de São Luís. Em 1705 foi nomeado sargento-mor, com obrigação de ensinar engenharia.	(1691-1705)	Engenheiro, Arquiteto	Viterbo, 1904, p.244-245
Sebastião Pereira	Discípulo da Aula de Fortificação de Lisboa. Em 1718 foi nomeado por Dom João, para o cargo de capitão engenheiro de artilharia de S. Luiz do Maranhão.	1718	Capitão Engenheiro de Artilharia	Viterbo, 1904, p. 250
Alexandre dos Reys	Nomeado ajudante de fortificações de São Luiz, em janeiro de 1721, na época do governador capitão geral do estado do Maranhão Bernardo Pereira de Berredo.	1721	Ajudante de Fortificações	Viterbo, 1904, p. 358

Thomás Rodrigues da Costa e Manuel Alvares Calheiros	Nomeado em 1757, Capitão de Infantaria, com exercício de engenheiro, juntamente com Manuel Alvares Calheiros, para servir nos Estados do Grão-Pará e Maranhão.	1757	Sargento-mor de Infantaria/ Engenheiro	Viterbo, 1904, p. 404
Manuel Fric Gotz	Nomeado em 1767 por D. José I a sargento-mor de infantaria com exercício de engenheiro na cidade de S. Luís do Maranhão.	1767	Sargento-mor de Infantaria/ Engenheiro	Viterbo, 1899, p.464-465
José de Carvalho	Tenente-Coronel de Milícias e Engenheiro Civil veio de Lisboa por chamado dos diretores da Companhia de Comércio. Faleceu em São Luís em 1817 ou 1818.	(Sem data precisa)	Engenheiro Civil, Tenente Coronel de Milícias	Marques, 1970, p. 256
António Bernadino Pereira do Lago	Nomeado por D. João VI, em 1818, para a capitania do Maranhão. Calçou quase todas as ruas da capital. Trabalhos: <i>Carta Geral da Capitania do Maranhão (1820)</i> e a <i>Carta Topográfica da Ilha do Maranhão</i> .	1818	Tenente-Coronel do Real Corpo de Engenheiros	Marques, 1970, p. 256-257
José Maria Alves	Conhecido por José Maria Maquinista. Construiu alguns dos melhores prédios desta capital.	(Sem data precisa)	Arquiteto	Marques, 1970, p. 257
Manuel José Pulgão	O português Manuel José Pulgão construiu os prédios do Desembargador Martins, no final da Rua Formosa, e o do comendador Vieira Belfort, no Largo dos Remédios.	(Sem data precisa)	Construtor	Marques, 1970, p. 257
Joaquim Rodrigues Lopes	Maranhense, estudou na Academia de Fortificações em Lisboa. Nomeado em 1827 Segundo Tenente de Engenheiros. Obras: Cais da Sagrada; Armazém da Pólvora; Fonte das Pedras e do Ribeirão; várias igrejas do interior.	(1827-1845)	Segundo Tenente de Engenheiro	Marques, 1970, p. 258
Júlio Boyer	Engenheiro Francês da repartição de Obras Públicas. Obras: Cais da Sagrada e calçada da Rua Grande, onde usou o Sistema Macadame, pavimentação que emprega pedra britada comprimida em a argila.	(Sem data precisa)	Engenheiro prático	Marques, 1970, p. 258
João Nunes de Campos	Formou-se em 1843 em Paris. Nomeado como primeiro Diretor de Obras Públicas. Trabalhos: Recenseamento de São Luís em 1855; plano da Igreja de N. S. dos Remédios; planta de cotas e nivelação do Caminho Grande até o Cotim.	(Sem data precisa)	Engenheiro civil	Marques, 1970, p. 258-259

Raimundo Teixeira Mendes	Formado em Paris, trabalhou para o governo dirigindo as obras: Canal de Arapapai; Igreja de São Joaquim do Bacanga; Dique da Companhia Anil; Companhia Fluvial de Navegação a Vapor.	(Sem data precisa)	Engenheiro	Marques, 1970, p. 259
João Vítor Vieira da Silva	Maranhense estudou engenharia no Rio de Janeiro. Empregado na Província de São Luís. Serviços na direção de obras: cais, dique, quartel, Fortaleza de Vera Cruz e Hospital da Madre de Deus.	(Sem data precisa)	Tenente Coronel Engenheiro	Marques, 1970, p. 259
João Antônio dos Santos	Baiano, naturalizado cidadão americano, onde se diplomou Artista Teórico-prático. Arquiteto da Câmara Municipal. Obras: casas grandes no Largo dos Remédios; plano da Igreja de Santo Antônio.	(Sem data precisa, 1856?)	Arquiteto	Marques, 1970, p. 257
Fernando Luís Ferreira	Maranhense, Tenente-coronel do Corpo de Engenheiros. Em março de 1865 foi nomeado diretor das Obras Públicas. Dirigiu as obras: da Fonte do Ribeirão; da Cadeia Pública; do cais, rampa e escada do Portinho.	1865	Tenente-coronel do Corpo de Engenheiros	Marques, 1970, p. 259-260
Francisco Gomes de Sousa	Maranhense, engenheiro e bacharel em Matemáticas e Ciências Físicas. Dirigiu as obras do dique, e concluiu o encanamento das águas da Companhia Anil, abastecendo todos os chafarizes. Acabou a construção da Igreja de São Joaquim do Bacanga e fez plano da Igreja da cidade de Rosário.	(Sem data precisa)	Engenheiro	Marques, 1970, p. 261
Francisco César do Amaral	Maranhense, dirigiu as obras da Igreja de Santo Antônio, da Rampa de Campos Melo, do Teatro de São Luís, e reparos no Farol de Santana.	(Sem data precisa)	Engenheiro civil e militar	Marques, 1970, p. 262
José Ganne	Engenheiro francês foi diretor do Gasômetro. Trabalhos: Estudos para o estabelecimento de uma fábrica de fiar e tecer; o restabelecimento da Companhia Anil; a estrada para Caxias.	1865	Engenheiro	Marques, 1970, p. 262
Edmund Compton	Engenheiro inglês da Companhia de Gás, diretor das obras feitas no Gasômetro em 1870.	1870	Engenheiro	Marques, 1970, p. 262

Augusto Teixeira Coimbra e Miguel Antunes Lopes	Os Engenheiros Augusto Teixeira Coimbra e Miguel Antunes Lopes foram contratados (1870), pelo governo central, para examinar o edifício da Alfandega e fazer o orçamento de uma ponte para carga e descarga até a baixamar.	1870	Engenheiros	Marques, 1970, p. 262
-------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------	-------------	-----------------------

Tabela 2: Engenheiros e Construtores no Maranhão (1615-1870). Fontes: Elaborada com dados das referências bibliográficas de Viterbo, (1899 e 1904) e Marques, (1970).

Telles (1984), no seu estudo sobre a história da engenharia no Brasil nos séculos XVI a XIX, comenta que,

durante o século XIX e até mesmo bem depois, a maioria das construções particulares ainda eram feitas por simples mestres de obras, cujo grau de instrução e de competência eram muito variáveis: alguns havia que pela experiência e estudo podiam dar lições a muito engenheiro novato, e outros ignorantes e analfabetos, esses últimos com o agravante da inexistência de uma legislação que regulamentasse a responsabilidade pelas obras (Telles, 1984, p. 104).

De acordo com Marques (1970), no período entre o ano de 1818 e 1827 registram-se as informações de que o arquiteto José Maria Alves construiu alguns dos melhores prédios de São Luís, mas essa informação não é suficiente para identificar-se os referidos imóveis no centro histórico. Outro construtor que se destaca no século XIX é o português Manuel José Pulgão, a quem é atribuído, segundo Marques (1970), a construção dos prédios do Desembargador Martins, no final da Rua Formosa, e do Palácio Cristo Rei (solar) situado no Largo dos Remédios, que pertenceu ao comendador José Joaquim Teixeira Vieira Belfort (Figura 13b). Marques (1970), também faz referência ao arquiteto baiano João Antônio dos Santos como construtor de casas no Largo dos Remédios.

No caso das obras oficiais, encontram-se ainda alguns registros dos autores de projetos e datas de construção, no entanto, sobre os sobrados, solares e moradas térreas poucas são os dados sobre a autoria de projeto e construção (Figura 9). Já sobre os proprietários, segundo Silva Filho (1998), algumas

datas de construção são encontrados nas grades de sacadas em forma de monogramas, nas vergas das portas e em lápides abertas a cinzel, como a existente no cunhal de um sobrado na Rua de Nazaré com a Rua da Estrela, que diz: *Caetano José Teixeira fez edificar propriedade. Em 1807.* (Silva Filho, 1998, p. 37).



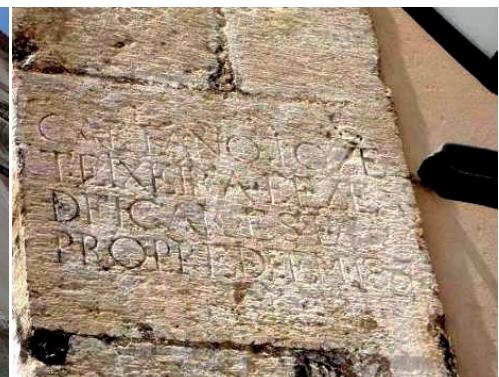
(a)



(b)



(a)



(b)

Figura 9: (a) e (b) Inscrições de época, com data de construção e monogramas do proprietário. Fotos: Daniel Lopes; (c) Cunhal apresenta na face da Rua da Estrela inscrição do século XIX, que indica o nome do proprietário e a data de construção do imóvel; (d) Detalhe da inscrição em pedra de lioz do cunhal: *CAETANO JOSE TEIXEIRA FEZ EDIFICAR ESSA PROPRIEDADE EM 1807*. Fotos: Margareth Figueiredo.

3 I CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a quantidade das edificações e a homogeneidade de seus exemplares, o conjunto de arquitetura civil que predomina na paisagem de São Luís destaca-se pelas tipologias de seus solares, sobrados, somados às habitações térreas do tipo morada-inteira, meia-morada, morada-e-meia, $\frac{3}{4}$ de morada e porta-e-janela, como elementos determinantes da identidade cultural da cidade. Esse expressivo número de imóveis de arquitetura civil, é um dos fatores que diferencia São Luís de outras cidades coloniais brasileiras.

Considerando que os ajustamentos em edifícios antigos são muitas vezes necessários para a adaptação a novos usos, a intervenção requer a preservação de todos os elementos que lhes confere significado cultural, como seus principais elementos da

tipologia construtiva. No entanto, essas intervenções preservacionistas devem fazer parte de um contexto maior de manutenção, e as novas intervenções, quando forem necessárias, devem limitar-se ao mínimo indispensável de alterações.

REFERÊNCIAS

- Albernaz, M. P. & Lima, C. M. (1998). *Dicionário ilustrado de arquitetura* (Vol. II – J a Z). São Paulo: ProEditores.
- Figueiredo, M. (2006). *Espelho do Tempo - conservação da autenticidade do espaço público dos conjuntos patrimoniais edificados: O caso do centro histórico de São Luís* (Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Urbano, não publicada). Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- Marques, C. A. (1970). *Dicionário histórico-geográfico da província do Maranhão*. Rio de Janeiro: Fon-Fon e Seleta.
- Selbach, J. F. (Org.) (2010). *Códigos de Postura de São Luís/MA*. São Luís: EDUFMA.
- Silva Filho, O.P. (1998). *Arquitetura Luso-Brasileira no Maranhão* (2.^a Ed.). Belo Horizonte: Formato.
- Silva Filho, O. P. (2008). Arquitetura tradicional luso-brasileira em São Luís do Maranhão, In *São Luís do Maranhão e Alcântara: guia de arquitetura e paisagem* (pp.50-79). São Luís- Sevilha: Junta de Andaluzia.
- Telles P. C. S. (1984). *História da Engenharia no Brasil (séculos XVI a XIX)*. Rio de Janeiro: LCT - Livros Técnicos e Científicos Editora S.A.
- Viterbo, S. (1899). *Dicionario historico e documental dos architectos e connstrutores portuguezes ou a serviço de Portugal* (Vol. I A-G). Lisboa: Imprensa Nacional.
- Viterbo, S. (1904). *Dicionario historico e documental dos architectos e connstrutores portuguezes ou a serviço de Portugal* (Vol. II H-R). Lisboa: Imprensa Nacional.